Bibliotecas Comunitárias

resistência cultural pelo direito à leitura[1]

Cida Fernandez[2]

> As bibliotecas deviam ser declaradas da família dos aeroportos, porque são lugares de partir e de chegar.
>
> Os livros são parentes diretos dos aviões, dos tapetes-voadores ou dos pássaros. Os livros são da família das nuvens e, como elas, sabem tornar-se invisíveis enquanto pairam, como se entrassem dentro do próprio ar, a ver o que existe para depois do que não se vê.
>
> O leitor entra com o livro para o depois do que não se vê. O leitor muda para o outro lado do mundo ou para outro mundo, do avesso da realidade até ao avesso do tempo. Fora de tudo, fora da biblioteca. As bibliotecas não se importam que os leitores se sintam fora das bibliotecas. (MÃE, 2015, p. 149)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO. O QUE SÃO BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS? A PESQUISA. Motivação, comprometimento popular e políticas públicas na criação das bibliotecas comunitárias. Como esses espaços são criados? **Mitos que os dados desvelam 1 – *As bibliotecas comunitárias são espaços pequenininhos, que abrem e fecham todo dia, que não têm estabilidade nenhuma.* ESPAÇOS ACERVOS E ATIVIDADES. Mitos que os dados desvelam 2 – *As bibliotecas comunitárias são espaços mal cuidados, largados, feios.*** Composição do acervo. Tamanho do acervo. Organização do acervo. Atuação de bibliotecárias/os nas bibliotecas comunitárias e a experiência da RNBC. **Mitos que os dados desvelam 3 – *As bibliotecas comunitárias são um amontoado de livros velhos e desorganizados, sujos e amontoados.*** Atividades desenvolvidas nas Bibliotecas Comunitárias. **GESTÃO COMPARTILHADA E INCIDÊNCIA EM POLÍTICAS PÚBLICAS.** Tempo e formação de mediadores de leitura. **Mitos que os dados desvelam 4 - *Quem atua em bibliotecas comunitárias são leigos, não tem formação escolar adequada, mal sabem ler.* IMPACTOS DAS BIBLIOTECAS NAS COMUNIDADES. REFERÊNCIAS.**

[1] Este texto originalmente foi roteiro para a videoaula apresentada por ocasião da II Bibliofest, em 2021, organizada pela Associação de Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF), a quem agradeço o convite, e financiado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC).

[2] Bibliotecária, responsável pelo Programa Direito à Leitura, do Centro de Cultura Luiz Freire (CCLF), situada na cidade de Olinda, PE; e assessora da RNBC.

APRESENTAÇÃO

Este artigo tem o objetivo de provocar uma primeira aproximação do público leitor, profissionais de Biblioteconomia e demais interessados, aos conceitos e às realidades das bibliotecas comunitárias, trazendo as diferentes dimensões das suas atuações política, pedagógica, social e cultural nos territórios onde estão inseridas. Apresenta um panorama da realidade encontrada a partir do escopo da pesquisa *Bibliotecas Comunitárias no Brasil: impactos na formação de leitores*[3] e da minha experiência profissional ao logo dos últimos 24 anos com a implantação e o desenvolvimento desses equipamentos. Traz um recorte especial para as bibliotecas da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), coletivo que acompanho desde sua origem.

Começarei este trabalho apresentando um pouco do meu lugar de fala no cenário da luta pelo direito à leitura. Sou bibliotecária, responsável pelo Programa Direito à Leitura, do Centro de Cultura Luiz Freire (CCLF)[4], que é uma organização de defesa de direitos humanos, situada na cidade de Olinda, PE. Criada em 1972, como estratégia de um coletivo de artistas, intelectuais, políticos, lideranças progressistas, para o enfrentamento ao regime militar e na luta pela redemocratização do Estado brasileiro, através da arte e da cultura.

A partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, o Centro Luiz Freire passa a se afirmar como uma organização que atua na incidência e na qualificação de políticas públicas, especialmente nas políticas de comunicação, educação e cultura.

Em 1998, realiza um curso de elaboração de projetos, cuja conclusão e certificação dependia de um projeto de intervenção elaborado durante a formação. Integrantes do Movimento Cultural Boca do Lixo (MBL), formado por jovens artistas anarquistas, integrantes de bandas de *rock*, *punk*, *hardcore*, apresentaram uma proposta para a criação de uma biblioteca "viva". O Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), que era a instituição apoiadora do curso, demonstrou interesse em apoiar o projeto e solicitou ao CCLF que contribuísse com o desenvolvimento da ideia. À época, eu ainda era uma jovem estudante de Biblioteconomia e, juntamente com os 24 jovens do MBL engajados na ação, começamos a desenvolver um processo de formação participativa, que durou cerca de 2 anos e culminou com a inauguração da Biblioteca Multicultural Nascedouro (BMN), em outubro de 2000. Como conteúdos e dinâmicas desse processo formativo foram realizadas visitas a diversas bibliotecas, museus, exercícios de leitura de mídia e fontes de informações, leituras

[3] Os resultados da pesquisa foram publicados no livro *Bibliotecas Comunitárias: resistência cultural na formação de leitores, e-book*. Disponível em http://cclf.org.br/project/o-brasil-que-ler-bibliotecas-comunitarias-e-resistencia-cultural-na-formacao-de-leitores/. Acesso em: 21 set. 2022.

[4] Para saber mais da história e atuação do CCLF acesse o *e-book Existir e Resistir: 45 anos de lutando pela radicalização da democracia* disponível em: http://cclf.org.br/project/existir-e-resistir-45-anos-lutando-pela-radicalizacao-da-democracia/

de contexto político, formas de organização das coleções, entre outros, fundamentais para que realizassem seu desejo de instalar uma biblioteca comunitária que fosse "viva". Ou seja, que pudesse contribuir para ressignificar a imagem da comunidade pra dentro e para fora do seu território.

O Movimento se institucionalizou em 2002 e mantém sua biblioteca viva e ativa, como uma ação permanente que, neste ano de 2022, completará 22 anos de existência. Em 2007, a BMN juntamente com outras bibliotecas comunitárias da Região Metropolitana do Recife, criaram a Releitura - Bibliotecas Comunitárias em Rede. Em 2015, a Releitura com outras redes de bibliotecas comunitárias sediadas em diferentes estados, criaram a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC). Todo esse trabalho foi possível pelo apoio do Instituto C&A de Desenvolvimento Social, através do Programa Prazer em Ler.[5]

Este artigo é resultado desses 24 anos de experiência, de histórias de criações coletivas, de apoio às bibliotecas comunitárias, de estudos e pesquisas, como a citada como referência neste trabalho.

Não pretendo aqui esgotar o assunto, mas apenas mostrar diferentes nuances e perspectivas do trabalho desses coletivos, que contribuem para desvelar alguns mitos que são alimentados, muitas vezes por preconceito, quase sempre gerado por desconhecimento e por falta de aproximação.

O QUE SÃO BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS?

Embora toda a experiência que a equipe de coordenação tivesse com o tema das bibliotecas comunitárias, nos deparamos com duas questões desafiadoras do ponto de vista das informações que poderiam contribuir para constituir recorte do universo da pesquisa:

1) não existe censo de bibliotecas comunitárias como existe para as bibliotecas escolares ou, pelo menos, um diretório das bibliotecas públicas. As bibliotecas comunitárias estão espalhadas por todo o Brasil e são autodenominadas independentemente de como funcionem ou se configurem. Nosso primeiro desafio, foi delimitar entre projetos de leitura, malas de leitura, espaços de leitura na rua, ações de leitura em ambientes públicos, espaços físicos que dispunham de acervos, pois o que queríamos era estudar como ocorria o fenômeno de bibliotecas comunitárias. Assim, para estabelecer o universo da pesquisa decidimos adotar a definição de biblioteca comunitária proposta pelo Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP):

[5] Para saber mais acesse as publicações geradas pelo Programa em https://sinapse.gife.org.br/download/prazer-em-ler-10-anos-de-fomento-a-leitura-literaria-volume-1 e https://sinapse.gife.org.br/download/prazer-em-ler-10-anos-de-fomento-a-leitura-literaria-volume-2 Acesso em: 21 set. 2022.

> [...] iniciativa coletiva que parte da sociedade, criada e mantida por determinada comunidade, sem intervenção do poder público, que conta com espaço físico determinado, acervo bibliográfico multidisciplinar, minimamente organizado e oferece serviços com o objetivo de ampliar o acesso da comunidade à informação, à leitura e ao livro. (FERNANDEZ; MACHADO; ROCHA, 2018, p. 19)

Essa definição já vinha sendo discutida e aceita inclusive pelas próprias bibliotecas comunitárias da RNBC. A partir dessa referência consideramos, para o nosso universo de pesquisa, os espaços físicos, independentemente do seu tamanho, que tinham acervos de livros diversos de literatura de ficção e poesia, entre outros, independentemente do volume, minimamente organizados pelas comunidades. Mesmo que em alguma medida tivessem apoio de pessoas de fora da comunidade, ou recebendo apoio financeiro de instituições privadas ou instituições públicas, mas que mantinham sua autonomia frente ao seu projeto de informação e de formação leitora em sua comunidade.

As bibliotecas comunitárias são iniciativas da sociedade civil para preencher um espaço que o Estado não ocupa, que é garantir o direito à cultura letrada, o direito humano ao livro, à leitura e à literatura.

A PESQUISA

O levantamento realizado pela pesquisa chegou a um universo de 143 bibliotecas comunitárias, distribuídas por 45 cidades, em 15 estados e Distrito Federal.

A pesquisa foi realizada em duas etapas. Na primeira foram aplicados 20 questionários a distância, por telefone, e 123 de forma presencial, totalizando 143 questionários coletados. Na segunda etapa foram definidos 11 grupos focais, para o aprofundamento qualitativo da pesquisa.

A coleta de dados foi feita por uma equipe composta por 22 pesquisadoras/es selecionadas/os entre integrantes e parceiros das redes de bibliotecas comunitárias da RNBC. Foi composta por bibliotecárias/os, mediadoras/es de leitura e gestoras/es de bibliotecas comunitárias ou integrantes de organizações parceiras. Essa equipe passou por um processo de formação oferecido pela coordenação do estudo, em que foram definidos alguns critérios para a aplicação dos questionários e registros dos diários de campo.

Esta foi uma pesquisa quali-quantitativa com objetivos exploratórios, pois como já foi registrado anteriormente, não há nenhuma pesquisa censitária que aponte, com mais precisão, qual o número aproximado de bibliotecas comunitárias que existem no Brasil.

Nos deteremos, portanto, a registrar os dados analisados a partir do universo estudado, composto por 143 bibliotecas, que cobre 45 municípios, representando 0,8% do total de municípios do país, portanto um número bastante pequeno no que se refere à escala.

Das 143 bibliotecas, 65% integravam a RNBC, o que corresponde a 92 bibliotecas. 35% não faziam parte de nenhuma rede de bibliotecas, totalizando 51 equipamentos.

Motivação, comprometimento popular e políticas públicas na criação das bibliotecas comunitárias

De modo geral, as bibliotecas comunitárias são criadas pela demanda gerada pela ausência do Poder Público em seus territórios, o que faz com que moradores e moradoras se mobilizem e se comprometam em minimizar esse problema. A pesquisa identificou dois grandes movimentos de resposta a problemas que originalmente mobilizaram a criação dessas bibliotecas:

1) Falta de bibliotecas públicas e escolares. As crianças não têm acesso às bibliotecas precisam fazer trabalhos escolares e a comunidade começa a se movimentar para suprir essas necessidades;

2) Os movimentos juvenis criam as bibliotecas por um processo de resistência, como é o caso do Movimento Cultural Boca do Lixo, que se explicitou quando da criação da Biblioteca Nascedouro, em 1998. Eles já eram reconhecidos como músicos, como artistas na comunidade, mas tinham consciência de que não conseguiriam sair desse lugar (transformar a vida comunitária) se não se apropriassem da cultura escrita. Por isso quiseram construir uma biblioteca comunitária, como uma biblioteca "viva", que dialogasse com a comunidade de Peixinhos, para contribuir com a melhoria das condições de vida e de oportunidades para as/os moradoras/es.

14% (20) das 143 bibliotecas foram criadas antes do ano 2000, o que significa que elas têm pelo menos 22 anos de existência! Entretanto, nesse grupo existem bibliotecas com mais de 30 e até mais de 40 anos de existência! Esse é um dado importante: elas não são um fenômeno de hoje.

Entretanto, destaca-se que 31,5% (45) dessas bibliotecas foram criadas entre os anos de 2001 e 2006, o que coincide com período que toma impulso a articulação da sociedade civil e governos para a institucionalização de políticas públicas de Estado para o setor do livro, da leitura, da literatura e de bibliotecas.

Em 2003, a partir da realização de dois importantes encontros de líderes dos países ibero-americanos[6] que, preocupados com as questões da desigualdade e estratégias de superação, relacionam – entre outros aspectos – o desenvolvimento dos países aos índices de alfabetização e escolaridade, pactuando alguns acordos que repercutiram internamente nos países.

No caso do Brasil, foi aprovada a Lei Federal Nº 10.753/2003[7], que institui a Política Nacional do Livro. Em 2004 foi desenvolvido o Programa Livro Aberto, por

iniciativa do Governo Federal, que tinha o objetivo de ampliar o número de bibliotecas públicas e modernizar as já existentes. Em 2005 foi lançado o Programa Fome de Livro com objetivo de construir uma política pública nacional para o livro, a leitura e a biblioteca pública no Brasil.

Esse programa também surge como estratégia para articular ações realizadas pelo Estado, empresas e sociedade civil organizada. Ainda em 2005 o VivaLeitura se converte num prêmio anual para beneficiar experiências bem sucedidas de formação de leitores. Em 2006, a Portaria Interministerial Nº 1.442, de 10 de agosto[8], instituiu o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL).

52,4% (74) das bibliotecas do estudo surgem após 2006. Pode-se inferir que esse aumento significativo na criação desses espaços tenha relação direta com a demanda da sociedade civil, que foi amparada por uma política pública que recém começava a ser implantada e que atendia, naquele momento, aos seus anseios e às suas necessidades.

Na mesma linha, as políticas que vão sendo construídas em 2007, o Programa Mais Cultura, seguido pelo Concurso Pontos de Leitura 2008 – Edição Machado de Assis. É importante registrar, como bem destaca a professora Elisa Machado (2010)[8], que pela primeira vez na história das políticas públicas de cultura, o governo federal reconhece e incorpora as bibliotecas comunitárias em seus planos e investimentos. E isso é muito importante porque a gente luta para que as bibliotecas comunitárias sejam reconhecidas como equipamentos sociais de cultura complementares à política pública governamental. Logo, são instituições que atuam com política pública, a partir de uma iniciativa social privada e precisam ser

[6] Para mais informações, consulte os documentos dos eventos em: https://www.gov.br/turismo/pt-br/secretaria-especial-da-cultura/assuntos/pnll/arquivos/vii-conferencia-iberoamericana-de-cultura.pdf. Acesso em: 20 set. 2022 e https://www.segib.org/wp-content/uploads/DeclaraciondeSantaCruz.pdf. Acesso em: 20 set. 2022.

[7] Disponível em: https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=4489437&disposition=inline. Acesso em: 20 set. 2022.

[8] Disponível em: https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=11/08/2006&jornal=1&pagina=18&totalArquivos=128. Acesso em: 6 set. 2022, p. 97. Acesso em: 6 set. 2022.

reconhecidas, ter parâmetros para investimento governamental, de acompanhamento, monitoramento e de gestão participativa nesses espaços.

Infelizmente, todas essas conquistas, geradas a partir do intenso diálogo entre a sociedade e o governo federal, foi interrompido em 2015. Com essa ruptura, impôs-se também um grande retrocesso, que começa a se materializar com a deposição da Presidenta da República em exercício, Dilma Roussef, no ano de 2016. Em seguida, o Congresso Nacional aprova a Emenda Constitucional do Teto de Gastos (EC95) que limitou os gastos públicos da área social por 20 anos, afetando profundamente os orçamentos das políticas sociais.[9]

Nessa luta, é importante ressaltar que as bibliotecas comunitárias não incidem apenas por políticas setoriais do livro. Como equipamentos que compreendem o direito à leitura como um direito humano, elas também enxergam o seu papel na luta por direitos sociais, de forma mais ampla:

> [...] Esta biblioteca tem um trabalho com gestantes do qual o CRAS é responsável, pelo grupo de gestantes. É, esse grupo de gestantes, tem uns vínculos em relação à questão, que ele não é um grupo permanente, tem aquela rotatividade [...] E, com relação à importância da leitura pra essas gestantes, é de grande relevância, por conta da questão mesmo do fortalecimento do vínculo, com as crianças, porque algumas mães passaram a ler para as crianças, a partir da mediação de leitura. E, também com relação ao serviço de convivência que é executado aqui na instituição. A biblioteca está de portas abertas pra esse serviço de convivência, que também é um referencial do CRAS (GF02).[10]

> [...] a biblioteca da gente é totalmente *desconvencional*, das bibliotecas que a gente conhece do centro, onde as pessoas chegam no balcão, pegam o livro lá no balcão, não têm acesso ao livro ou que não pode fazer zoada. É uma biblioteca que você chega lá especificamente pra ler, aqui tem dança, tem teatro, capoeira, tem leitura, tem roda de diálogo, cinema de debate, cinema pra criança. Tem atendimento à saúde. Então é uma biblioteca bem diversificada, bem diferente das outras bibliotecas, como eu *tou* dizendo. (GF10) [11]

[9] Para saber mais informações da PEC 95/2016 veja: https://www.camara.leg.br/noticias/505250-promulgada-emenda-constitucional-do-teto-dos-gastos-publicos/. Acesso em: 20 set. 2022.
[10] Depoimento colhido na etapa 2 - GF02 (FERNANDEZ; MACHADO; ROCHA, 2018, p. 58).

[11] Depoimento colhido na etapa 2 - GF02 (FERNANDEZ; MACHADO; ROCHA, 2018, p. 62)

85% das bibliotecas foram criadas para promover a leitura e fazer a formação de leitores literários. Então, daí percebe-se a importância que as comunidades dão à literatura! Se não fosse isso não teriam os saraus, não teriam os *slams*[12], não teríamos o crescimento na produção literária de periferia, que está eclodindo e que tem que ser valorizado. Porque o direito humano à leitura é direito de acesso ao livro, mas também é de acesso aos meios de produção, de circulação e de consumo, que atravessa todos os elos da cadeia produtiva e para todas as pessoas indiscriminadamente.

O segundo motivo de sua criação é ser um espaço de referência para a comunidade. E elas acabam sendo um espaço de referência positiva porque estão em comunidades que geralmente saem no jornal devido à sua falta ou à violência, mas nunca pela cultura, por aspectos positivos. Vimos muitos depoimentos de crianças, adolescentes, jovens e adultos que têm orgulho de ter um equipamento como a biblioteca comunitária no seu espaço, que se torna, então, uma referência positiva para as comunidades

E um terceiro é motivo é ser um espaço de oferta de leitura e pesquisa para a comunidade. As bibliotecas são construídas nas comunidades, na maioria das vezes, para ser ponto de suporte para as crianças e adolescentes por falta biblioteca escolar. Mas, com o passar do tempo, elas vão se ressignificando, mostrando a importância desse equipamento não só para as crianças e para os adolescentes, mas começam a ser esse espaço de educação arte e cultura, de vida comunitária, de debates, dos problemas sociais, dos projetos culturais. Um lugar de referência para fazer um catálogo de emprego, um banco de oferta de serviços, entre outras atividades e serviços que possam apoiar as comunidades e suas/seus moradoras/es.

Como esses espaços são criados?

O processo de criação de uma biblioteca comunitária está, em sua maioria, associado ao movimento social comunitário, organizado ou não, que se mobiliza por alguma iniciativa de mover, de mudar a realidade dentro da comunidade, como nos revelam os dados. Do total das bibliotecas pesquisadas 66,5% nascem da iniciativa de coletivos e grupos de pessoas (jovens, mulheres, etc.) e/ou da articulação de algum movimento social organizado (movimentos culturais, movimentos de defesa da educação, etc.). As 33,5% restantes foram criadas a partir de sindicatos e associações (ONGs), grupos religiosos e, em menor escala, alguma iniciativa ligada a partido político.

Mas, a característica que mais as une é que a maioria é autônoma em relação ao Estado e ao privado. São espaços que respondem às demandas das suas comunidades e por isso têm muita dificuldade de sobrevivência.

[12] NE: Para saber mais: https://profseducacao.com.br/artigos/o-que-e-slam-poesia-educacao-e-protesto/. Acesso em: 6 set. 2022.

Mitos que os dados desvelam 1
– As bibliotecas comunitárias são espaços pequenininhos que abrem e fecham todo dia, que não tem estabilidade nenhuma –

A pesquisa revela que não! As bibliotecas comunitárias não são espaços que abrem e fecham todos os dias! Note-se que 14% (20) foram criadas antes do ano 2000, ou seja, têm pelo menos 22 anos de existência e que 52% foram criadas a partir de 2006. Então, boa parte delas tem pelo menos 10 ou 15 anos. Existem, ainda, bibliotecas com mais de 40 anos e algumas com cerca de 3 a 4 anos.

De fato, as bibliotecas são equipamentos frágeis que são criadas com muita luta e resistência. Mas por serem originadas na comunidade, pelo sujeito do direito à leitura, elas têm raízes, e se mantêm presentes e vão se desenvolvendo na luta comunitária com a participação das pessoas:

> Olá, sou Fábio Rogério, hoje estou com o presidente da Acesa, instituição da qual temos uma biblioteca Comunitária Amigos da Leitura que foi pensada e criada em 2004. Na época nós tínhamos um trabalho com crianças e adolescentes na área esportiva e precisávamos de um diálogo a mais para que as crianças pudessem se desenvolver, melhorar o seu raciocínio, melhorar a convivência. Na época eu fui fazer teatro e fui fazer um curso de contação de histórias e lá conheci algumas pessoas que me indicaram que um projeto de leitura seria um muito importante nesse sentido. Por que não fazer um cantinho de leitura? Enquanto as crianças estavam esperando a bola rolar, estavam ali pegando livros e se interessando pela leitura, que também é muito importante. Nós não tínhamos muita pretensão. Pesquisei em Recife quem estava trabalhando com esse tipo de biblioteca, com esse tipo de espaço. E encontrei o Centro de Cultura Luiz Freire e um coletivo de instituições que estava trabalhando pensando em formar uma rede e trocar saberes, justamente bibliotecas comunitárias. Nós queríamos um espaço que não fosse um espaço onde as pessoas tivessem que fazer silêncio, onde as pessoas que quisessem estar ali precisassem de toda uma burocracia. Um espaço que estivesse ao alcance de todos. Então está lá, um espaço dinâmico espaço vivo. Nossa concepção de biblioteca hoje e desde o início foi ter envolvimento das pessoas com ela. Um espaço onde as pessoas se sentissem bem como em suas casas. Aí surgiu a biblioteca Comunitária Amigos da Leitura, cujo nome também foi decidido coletivamente, com indicações, discussões e votação. (Fábio Rogério Rodrigues da Silva)[13]

[13] Fábio Rogério Rodrigues da Silva é presidente da Acesa, mantenedora da Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura. Depoimento gravado para a vídeo aula ministrada pela autora no II Bibliofest, em 2021, para a ABDF.

ESPAÇOS, ACERVOS E ATIVIDADES

Por serem espaços comunitários, criados na ausência de recursos a partir desse movimento de luta por direitos, a maioria tem área física pequena: 38% têm até 40m²; 33% têm entre 41 e 80m²; e, apenas 24% têm um espaço superior a 80m². Em função dessa disponibilidade elas vão se ambientando.

Tomando como exemplo a Biblioteca Solar de Ler/CCLF, localizada na cidade alta de Olinda[14], pode-se afirmar que ela representa a situação da minoria. Originalmente não era uma biblioteca comunitária, mas foi se abrindo para o público e está se convertendo em biblioteca comunitária, mobilizando e incorporando a participação das comunidades do entorno na gestão da biblioteca. Ela tem mais de 80m² e está dividida em quatro ambientes.

No entanto, a maioria das bibliotecas dispõe de apenas um ambiente e faz o máximo possível para criar uma separação no próprio ambiente, dando conta do atendimento aos diferentes públicos e atividades. Tentam separar as atividades e, assim, quando tem atividade de oficina não tem atividade de mediação de leitura. Dessa maneira elas vão administrando os limites de recursos físicos, de tempo, de atividades e de público, para poder atender a todas/os da melhor maneira possível. O fato é existe um esforço significativo das equipes das bibliotecas com o cuidado e organização do espaço.

Mitos que os dados desvelam 2
– As bibliotecas comunitárias são espaços mal cuidados, largados, feios! –

Não! As bibliotecas comunitárias surgem sim como espaços muito fragilizados, mas à medida em que vão se desenvolvendo, a própria comunidade, com o grupo que atua nela, procuram torná-la cada vez mais bonita, cada vez mais confortável, cada vez mais atraente. Para isso fazem bingos, feiras, festas, projetos para editais públicos e ou privados. Nem todas as bibliotecas têm Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ). Existem bibliotecas que têm personalidade jurídica própria e outras que emprestam personalidade jurídica de parceiros, quando é necessário. Fato é que mobilizam recursos das mais diversas formas possíveis.

O acervo é outro item cujo investimento em seu desenvolvimento fica bastante evidenciado. Geralmente, a formação do acervo está ligada à história original de criação e verifica-se que os primeiros livros são doados. São feitas campanhas de doação e na coleta dos livros não se tinha muito critério, justamente

[14] Para conhecer mais: https://www.instagram.com/bibliotecasolardeler/. Acesso em: 20 set. 2022.

por receberem por doação. Mas, com o passar do tempo elas vão constituindo um olhar mais qualificado para o acervo. Com o tempo elas vão definindo critérios de seleção para receber as doações. Já não aceitam qualquer livro que se doa.

82% das bibliotecas da pesquisa têm critério de seleção, apenas 17% afirmam que não adotam nenhum critério de seleção. Entre as que adotam critérios de seleção, 53,8% são relacionados à conservação das obras: não aceitam obras com fungos, riscadas, com páginas faltando, amassadas, velhas, com a ortografia e gramática defasadas. 49% dessas bibliotecas aceitam apenas livros de literatura, não aceitando livros didáticos. 19,6% explicitam que não aceitam, em nenhuma hipótese, livros didáticos.

Isso é muito positivo, pois quando são criadas pela ausência, pela dificuldade de acesso, os livros têm um papel sagrado. Então, para descartar um livro de uma biblioteca comunitária que acabou de ser criada é muito difícil, porque o valor simbólico desse objeto para a comunidade é muito caro. Mas, com o tempo, com a apropriação do conhecimento, com o manuseio dos livros, com o desenvolvimento dos trabalhos, as equipes dessas bibliotecas vão percebendo que nem todos os livros possuem conteúdos bons, nem todos os livros são dignos de estar em seu acervo.

81% do descarte se dá quando os livros não têm relação com o seu acervo. Por exemplo, eu tenho uma biblioteca cujo recorte é de direitos humanos e de literatura de ficção. Então, se chega uma doação, como acontece, de livros de informática, como esse não é um tema de interesse desta biblioteca, se for atualizado pode ser de interesse de alguma/um leitora/or. Se estiver defasado não serve nem para nós nem pra outras pessoas ou instituições. Então, já existe um olhar mais criterioso e uma análise sobre a qualidade dos livros. Ressalte-se que esses comentários têm relação com as bibliotecas que foram universo desta pesquisa em geral.

No caso das bibliotecas desta pesquisa, 65% são integrantes da RNBC, totalizando 92. Essas bibliotecas têm um diferencial em relação às outras, pois boa parte delas se desenvolveu e ao mesmo tempo contribuiu para o desenvolvimento de um programa chamado Prazer em Ler, que hoje é uma metodologia de formação da Rede, que norteia o desenvolvimento das bibliotecas a partir de quatro eixos: espaço, acervo, mediação e gestão; e de ações estratégicas: comunicação, incidência em políticas públicas, enraizamento comunitário, por exemplo. Assim, as bibliotecas ligadas à Rede Nacional já têm uma pegada mais sistematizada de intervenção política.

Composição do acervo

100% das bibliotecas do estudo têm acervo de literatura de ficção e poesia, o que é muito interessante porque, na origem, muitas que surgiram como espaço de

pesquisa escolar, eram compostas a partir de acervos quase que totalmente de livros didáticos. À medida em que vão se desenvolvendo vão percebendo a importância estruturadora da literatura de ficção e da poesia no desenvolvimento da nossa humanidade.

Ainda que esteja na modalidade de literatura ficcional/poética, o cordel merece um destaque por sua especificidade como produção cultural e está presente em 74,8% das bibliotecas.

93,7% possuem obras de referência; 81,8% acervos de história, artes, ciências sociais, além de outros assuntos e outros tipos de materiais, como jogos, filmes, músicas, e objetos históricos. O que indica que embora a centralidade de muitas bibliotecas seja na literatura e na formação de leitores, elas não são especializadas em leitura literária, em livros literários. Elas também têm acervos de obras gerais, obras técnico-científicas, justamente para complementar a necessidade de estudo e pesquisa presentes na comunidade em função da ausência do Estado.

Tamanho do acervo

Os acervos são pequenos e não poderia ser diferente pois os espaços são pequenos também. Salvo raras exceções, como é o caso da biblioteca do Paiaiá, na Bahia, que informa ter um acervo com mais de 100 mil livros, as demais bibliotecas têm acervos muito mais tímidos. 47% delas tem até 3.000 livros; 22% têm entre 3.001 e 5.000 livros e apenas 23% têm um acervo superior a 5.000 livros. Isto é coerente com o tamanho do espaço, com a capacidade de gestão e com a comunidade que elas atuam. Não podemos comparar uma biblioteca comunitária a uma biblioteca pública pelo seu papel social, pela abrangência e pela função que ela tem de atender a um escopo muito maior de população.

Organização do acervo

64,3% das bibliotecas possuem catálogos e, destes, 61% com uso de *softwares*, dentre os quais encontramos: PHL, Sophia, Alexandria, Biblivre, Biblioteca Fácil, entre outros. Algumas que não tem *software* específico utilizam planilhas Excel. Apenas 2,8% utilizam fichas em papel.

Atuação de bibliotecárias/os nas bibliotecas comunitárias e a experiência da RNBC

Embora a Lei 4.084, de 30 de junho de 1962[15], que dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício, defina que toda biblioteca deve ter um profissional de nível superior, essa determinação é irrealizável para a grande maioria das bibliotecas comunitárias.

Em que pesem as dificuldades, as bibliotecas comunitárias reconhecem a importância de ter um profissional qualificado em seus quadros. Entretanto, diante da impossibilidade de contratação de um bibliotecário por biblioteca e da realidade de que esses espaços, a grande maioria, 70% (100 bibliotecas) têm acervos de até 5 mil volumes, a RNBC fez um movimento de mobilização de recursos e diálogo com parceiros. A partir desses diálogos, com o apoio da assessoria, foi-se construindo um desenho colaborativo com as equipes locais e com profissionais que começaram a ser contratados a partir do ano de 2013.

Atualmente, existem 11 redes locais, com números variados de bibliotecas de acordo com o território e 13 profissionais realizando assessoria nessas bibliotecas através da organização de suas redes locais. Para desenvolver esse modelo e dar consistência e continuidade aos processos de desenvolvimento desses equipamentos em rede foi criada, em 2017, a Comissão de Bibliotecárias (ESCALANTE; FERNANDEZ, RODRIGUES, 2019), com a finalidade principal de ser um espaço de estudos, reflexões e apoio para o desenvolvimento profissional dessa equipe, de modo a qualificar seu trabalho junto às redes locais.

Essas profissionais são responsáveis pela supervisão da qualidade da gestão da informação. Deste modo, a/o bibliotecária/o da RNBC não está na biblioteca fazendo a catalogação dos acervos e sim formando as pessoas dessas equipes para fazer a gestão qualificada do acervo e entrega-lo para sua comunidade a partir de parâmetros e competências que só esse profissional tem.

Essa experiência me fez compreender o imenso desafio que temos enquanto profissionais de refletir e de ressignificar o nosso papel na contemporaneidade, sobretudo na Biblioteconomia social, que é um lugar onde temos muito pouco recurso e onde nossas habilidades são fundamentais para o empoderamento popular. Não devemos ter medo de dizer isso! Informação é poder e precisamos fortalecer o poder nas comunidades. Essa é uma defesa que eu faço, sempre fiz e continuarei fazendo, para a construção de uma sociedade mais justa, equânime e democrática.

Nesse sentido, a pesquisa nos revelou que os processos que estão vinculados às bibliotecas da RNBC são um pouco mais sofisticados, porque são acompanhados,

[15] Para saber mais veja: https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=4084&ano=1962&ato=8abITT61kMVRVTad8. Acesso em: 23 set. 2022.

monitorados, supervisionados por profissionais graduados em Biblioteconomia. Por isso, muitas redes comunitárias têm pessoas das comunidades que foram cursar Biblioteconomia. Primeiro o curso técnico, depois o curso superior, enxergando na Biblioteconomia uma profissão.

> [...] eu sou a Camila, bibliotecária. Inicialmente eu trabalhava numa rede de bibliotecas comunitárias que é a rede Beabah, em Porto Alegre, trabalhei lá por três anos e agora estou há dois anos aqui na rede bibliotecas, sou de Minas, uai! em Belo Horizonte, Sabará, Santa Luzia e Betim. É uma experiência muito rica trabalhar bem bibliotecas comunitárias. Em Porto Alegre a gente atuava só em uma cidade, e aqui tem essa diversidade de ter quatro cidades trabalhando junto na Rede. Aqui eram antes duas redes que se juntaram e agora que fazem parte dessa mesma rede. Pra mim tá sendo uma experiência bem desafiadora, lidar com bibliotecas que têm históricos diferentes, que nasceram de forma diferente, que já trabalham de uma maneira também diferenciada em classificação, catalogação e até na parte de atendimento também, de mediações de leitura. Então, cada biblioteca tem a sua especificidade. Estou achando uma experiência bem interessante principalmente das trocas na entre os mediadores que a gente faz aqui na rede, para cada um conseguir ver o que é que a outra biblioteca faz, para poder também ampliar essas ações das bibliotecas. Essa troca bem interessante entre os mediadores e também sempre escutando muito o público, que é uma das premissas aqui que a gente tem nas bibliotecas comunitárias: de escutar o público que a gente tá atendendo, que tá com a gente junto nas nossas comunidades. (Camila Schoffen Tressino)[16]

> Olá meu nome é Thays, sou bibliotecária da Ilha Literária (MA), venho aqui dizer que ser bibliotecária, fazer parte desse trabalho junto à rede de bibliotecas comunitárias, me trouxe uma experiência muito rica pois as mesmas me apresentaram um trabalho grandioso, de transformação de comunidades de periferia através de implantação de espaços de cultura, informação e lazer, que são as bibliotecas. Um bem cultural que é negado nas comunidades de periferia e estamos lá desenvolvendo trabalhos de grande importância para essas comunidades, pois é um ponto de encontro nessa comunidade. Essa comunidade pode não somente pegar o livro emprestado, mas também usufruir desse espaço de maneira que se sinta à vontade que possa contribuir que possa participar das atividades. Fazer parte desse movimento da Leitura como um direito humano trouxe uma transformação nesse meu processo pessoal, no que diz respeito ao aumento do desenvolvimento humano na perspectiva da minha transformação enquanto sujeito político e sujeito crítico. Esse trabalho junto às redes de bibliotecas comunitários até hoje, durante oito anos de atuação junto com esses espaços e com essas equipes, eu tenho aprendido a também a me mobilizar enquanto sociedade civil no que diz respeito à

[16] Camila Schoffen Tressino foi bibliotecária da Rede Sou de Minas, Uai! e integrou a Comissão de Bibliotecárias da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) até início de 2022. Depoimento gravado para a vídeo aula ministrada pela autora no II Bibliofest, em 2021, para a ABDF.

> luta por políticas públicas do livro, leitura, literatura e bibliotecas e também políticas afins: da educação, da saúde, do transporte, da economia. Enfim, isso tudo eu tenho conquistado junto com as bibliotecas comunitárias, junto às bibliotecas comunitárias e me sinto honrada em fazer parte desse trabalho e poder cada vez mais crescer e me transformar, e me melhorar para contribuir nessa gestão compartilhada e poder levar aos bairros de periferia esse bem cultural tão importante para nossa sociedade que são as bibliotecas, e no nosso caso, as bibliotecas comunitárias. Viva a Leitura! (Thais Rodrigues)[17]

Falamos anteriormente da catalogação. Trataremos agora da classificação. 87% das bibliotecas utilizam algum sistema/método de classificação. Destas, 32% usam Classificação Decimal de Dewey (CDD) ou Classificação Decimal Universal (CDU), e 50,5% utilizam o Sistema de Classificação por Cores para a literatura de ficção e poesia, que foi desenvolvido por mim ao longo dos últimos 20 anos.

Esse é um sistema que eu comecei a desenvolver um pouco antes da criação da Biblioteca Multicultural Nascedouro. No Centro Luiz Freire precisávamos organizar pequenas salas de leitura e bibliotecas com acervos de ficção e poesia em comunidades e não tínhamos nenhuma referência. Inclusive, a minha graduação em Biblioteconomia teve por objetivo conseguir desenvolver uma organização mais dialógica para as comunidades, que tivesse uma interface mais amigável do que aquele monte de códigos que as pessoas até tinham medo de perguntar como funcionava, pois não entendiam e muitas vezes nem conseguiam formular a pergunta.

É um sistema simples, mas que tem uma lógica que precisa ser respeitada, com regras definidas. Qualquer pessoa memoriza com muita facilidade o sentido das cores e sua sequência. Muita gente pensa que os códigos com cores são apenas para criança, mas não! Estamos em comunidades onde as pessoas têm pouco acesso ao livro e à leitura, têm uma formação leitora muito deficitária, então organizando assim, quebramos essa dificuldade que os adultos que não são alfabetizados têm em procurar saber como se organizam os livros, onde procuram o livro, de que jeito podem fazer. Esse método só é aplicado para a organização da ficção e da poesia e foi desenvolvido e tem a função de facilitar a formação de leitores literários. Com esse sistema, se o acervo tiver 5 mil livros, poderá facilmente ser ordenado por acervo, gênero, autor e título, possibilitando, com muita praticidade, mesmo sem o uso de tecnologia, a localização de uma obra física no acervo.

[17] Thais Rodrigues, bibliotecária da Ilha Literária – Rede de Bibliotecas Comunitárias de São Luis do Maranhão. Integrante da Comissão de Bibliotecárias da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC). Depoimento gravado para a vídeo aula ministrada pela autora no II Bibliofest, em 2021, para a ABDF.

Mitos que os dados desvelam 3
– As bibliotecas comunitárias são um amontoado de livros velhos e desorganizados, sujos e encostados –

Não! As bibliotecas têm vida e elas são pensadas independentemente da formação de quem está lá dentro. Isso é uma crítica que muitas vezes ouço. O fato de não ter uma/um bibliotecária/o dedicada/o remete ao imaginário da desordem, do descuido. Como a pesquisa aponta, as bibliotecas cuidam muito dos seus acervos e se importam com a organização e, nesse sentido, a Comissão de Bibliotecárias (ESCALANTE; FERNANDEZ, RODRIGUES, 2019) é uma referência muito positiva da qualidade do trabalho na ponta.

É importante dizer que boa parte das pessoas que atuam nas bibliotecas comunitárias o faz de forma voluntária. Nós bibliotecárias e bibliotecários podemos nos aproximar para ajudar a construir possibilidades, inclusive de que essas bibliotecas se fortaleçam, atuem em redes e consigam garantir o pagamento de um profissional. Mas precisamos ajudar a construir a possibilidade. Temos que lutar por políticas públicas, para podermos ter biblioteca na escola, ter bibliotecas comunitárias reconhecidas e para ter bibliotecas públicas. Não adianta só reclamar, só reivindicar nosso espaço. Temos também que garantir, lutando por esse espaço com coerência e com engajamento.

Atividades desenvolvidas nas bibliotecas comunitárias

90% das bibliotecas fazem leitura de história, compartilhamento de histórias, a partir do livro. Dessas, 67% fazem contação de história tradicional sem o livro. Também realizam oficinas de pintura, jogos e brincadeiras, leitura fora da biblioteca.

Isso é muito interessante: leitura na praça, leitura na rua, sussurro poético. Sussurro poético é feito utilizando um desses canos de PVC ou mesmo um desses tubos redondos onde se enrolam peças de tecidos para a venda em lojas. Esses tubos são decorados e utilizados para sussurrar poesias nas bibliotecas ou em espaços públicos, quando se convida os transeuntes a ouvir uma poesia. Uma lindeza! Muitas bibliotecas comunitárias fazem isso no país inteiro.

Existem oficinas temáticas também. A RNBC em uma definição antirracista, antimisógina, antifascista. Nesse sentido, promove bastante as oficinas que trabalham a questão do direito a uma literatura que combata o racismo, literaturas que contribuam para o combate à misoginia, combate o fascismo. Essas são temáticas muito presentes nas rodas comunitárias e eventos realizados por essas bibliotecas.

61% das bibliotecas também oferecem orientação e apoio à pesquisa escolar, 70% fazem saraus poéticos e o mesmo percentual realiza rodas de leitura. Um destaque importante é que 100% delas estão tão comprometidas com a vida comunitária que participam dos debates nas esferas políticas da discussão pública nas suas comunidades.

É preciso destacar a diferença de uma biblioteca comunitária, para uma biblioteca pública e para a biblioteca escolar. Não estamos falando aqui que uma é melhor que a outra, mas sim que têm a natureza do seu lugar de existência. A biblioteca comunitária surge por iniciativa dos moradores, para servir a si, aos seus filhos e à sua comunidade. Aí já tem uma perspectiva de conhecimento/reconhecimento e acolhimento que é diferente. Quando você chega numa biblioteca escolar, normalmente quem está na direção da escola ou na biblioteca não necessariamente é daquela comunidade. Muitas vezes essa pessoa, inclusive, vem com um estigma de fora. Precisamos de pessoas que reconheçam a comunidade. Aquela comunidade, aquele estado em que ela está, não é um estado que ela escolheu. É um estado que é resultado de uma política nefasta e que a gente precisa lutar contra essa política nefasta. A gente precisa lutar para que todas e todos tenham direitos: segurança alimentar, auxilio emergencial, para que possam se proteger.

É esse diferencial que faz com que se uma criança atravessa a porta de uma biblioteca e está esquisita, a pessoa da biblioteca já se antena... Será que aconteceu alguma coisa na casa de fulano? E essa pessoa vai procurar saber o que aconteceu, porque que a criança está "jururu" como a gente diz, porque está cabisbaixa. Então, as bibliotecas comunitárias conhecem profundamente seu público e respeitam profundamente seu público.

> Olá eu me chamo Selma Oliveira sou articuladora e mediadora de leitura da Biblioteca Comunitária. Ser mediadora em Biblioteca Comunitária é poder contribuir com a formação de um leitor. É poder estar ali fazendo essa via de mão dupla. Tanto o mediador indica a leitura para o leitor, quanto o leitor também traz essa leitura para gente. Isso é muito gratificante para mim e me sinto muito realizada nesse mediar dessa leitura literária onde eu possa transformar, fazer esse leitor ter essa visão de mundo onde ele possa ir muito mais além. Como eu... eu era uma pessoa muito tímida e hoje eu não sou tímida, pois o meu trabalho de mediadora fez com que eu avançasse não só um passo, mas vários passos na minha frente. E hoje, na biblioteca Comunitária, ainda tem o coletivo Papo de Mulher, onde a gente se reúne com as mulheres da comunidade. Eu não deixo mais essa voz que antes me fazia calar dentro de mim, hoje não! Hoje eu sou mais espontânea. Sou uma pessoa mais comunicativa e isso tudo foi através da mediação de leitura. (Selma Oliveira)[18]

[18] Selma Oliveira é articuladora e mediadora de Leitora da Biblioteca Amigos da Leitura, situada no Alto José Bonifácio, Recife – PE – Integrante da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC). Depoimento gravado para a vídeo aula ministrada pela autora no II Bibliofest, em 2021, para a ABDF.

Outro aspecto muito interessante é que as crianças, como interagentes da biblioteca, vão crescendo e vão tomando a biblioteca como referência e acabam se tornando uma/um mediadora/or de leitura. Nas bibliotecas comunitárias é muito comum você encontrar uma/um mediadora/or de leitura que foi antes leitor ou leitora dessa biblioteca. E isso gera um pertencimento. Nesse caso, o diferencial são as bibliotecárias/o que, em sua maioria, não moram exatamente nos territórios das bibliotecas, porque elas atuam com um conjunto. Mas na Rede Nacional, nós temos duas bibliotecárias que também criaram bibliotecas em suas comunidades, uma em Porto Alegre e outra no Rio de Janeiro.

GESTÃO COMPARTILHADA E INCIDÊNCIA EM POLÍTICAS PÚBLICAS

Outro destaque das bibliotecas comunitárias é a questão da gestão compartilhada: 21% delas têm conselho deliberativo e é compartilhado com toda a comunidade usuária da biblioteca: gestora/r, mediadora/r, bibliotecária/o e comunidade leitora; 23% têm conselho deliberativo, porém só interno. Ou seja, 21% têm instância deliberativa compartilhada de forma ampla e 23% têm instância deliberativa restrita à equipe da biblioteca. Mas ainda assim têm e têm escutas à comunidade. 19% têm conselho consultivo formado por todo mundo, aberto à comunidade. 17% têm conselho consultivo só interno.

Por que trago esses dados? Porque é muito importante a gente perceber que a decisão na biblioteca comunitária não é de uma pessoa só, mas de um conjunto de pessoas. Não cabem decisões monocráticas. As decisões se tomam minimamente por aquela equipe. E, se consideramos que aquela equipe, aquele espaço, foi criado por moradores, aquela equipe, mesmo sendo interna, também é representativa da comunidade.

As bibliotecas comunitárias e a política pública são um recorte muito presente no cotidiano da atuação dessas equipes. O combate à desigualdade social no direito a leitura literária, a participação nos campos de controle social e a incidência de políticas públicas, a participação em conselhos de direitos, como Conselhos da Criança, de Cultura, Conselhos dos Planos Municipais e Estaduais do Livro são espaços onde cada vez mais as bibliotecas comunitárias se fazem presente.

Em Pernambuco (PE), aprovamos o Plano Estadual do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas[19], com um imenso protagonismo da sociedade civil, com destaque para as bibliotecas comunitárias da Releitura. Em todas as etapas da construção do plano estivemos presentes, das escutas à formulação do texto base. Na incidência pela aprovação da Resolução no Conselho de Política Cultural à

[19] Lei Estadual de Pernambuco no. 16.991/2020, que "Consolida e amplia a Política Estadual do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas do Estado de Pernambuco", disponível em https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?id=51387&tipo = acessada em 20/09/2020

aprovação em Lei, no legislativo estadual. Todo esse movimento amparado, espelhado e inspirado pelo movimento que consolidou a Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE), do qual a RNBC também teve papel importante.

74% das bibliotecas estudadas participam em alguma instância de incidência política. Dessas, 18% participaram do PNLL; 29,4% participaram ou participam de Planos Estaduais do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas; e 45.5% atuam diretamente na luta pelos planos municipais.

36% das bibliotecas participam em alguma instância dos Conselhos de Políticas Culturais: nacional, estadual e municipal; 11,9% nos Conselhos Nacional, Estadual ou Municipal de Educação; 46% participam de Fóruns de Cultura e/ou Setoriais do Livro e Leitura, nas diferentes instâncias: nacional, estadual, municipal.

Pelos dados, percebe-se que a grande maioria das bibliotecas está, em alguma medida, articulada a espaços de formulação de políticas e de disputa de recursos para a efetivação das políticas de Estado.

Tempo e formação de mediadores de leitura

29% dos mediadores têm um ano de atuação na biblioteca comunitária. Muitas vezes esse é o seu primeiro emprego e, dependendo do seu desenvolvimento, ele ou ela pode rapidamente conseguir acessar outros trabalhos e ocupar outros espaços profissionais, o que gera uma circulação grande de profissionais nessa categoria; 8% têm mais de 10 anos na mesma biblioteca. Destacamos os compromissos: muitos mediadores de leitura são interagentes da biblioteca e quando eles vão para a universidade eles vão com o compromisso de voltar e fortalecer esse espaço comunitário.

Passar de interagente para mediador de leitura é, hoje, quase uma passagem natural. O fato de a biblioteca comunitária ter essa pegada da formação leitora e de aconchego, de lugar acolhedor, de gente que conhece quem está falando ali, tem esse papel importantíssimo que a pesquisa também revelou, que é o papel da biblioteca comunitária na superação do fracasso escolar. Porque aquela criança, que tem dificuldade, vai lá senta no colo da pessoa que é a vizinha dela e é mediadora de leitura e conversa com ela sobre seus problemas. Essa mediadora pacientemente lê para essa criança, que então não se sente rebaixada em sua autoestima por sua dificuldade de leitura, porque não está conseguindo ler, porque engasga na leitura. Porque lá as outras pessoas não estão rindo dela. Então, muitas vezes esse processo de empoderamento, de superação, leva essas crianças/jovens a quererem fazer universidade e, depois, voltar para trabalhar nessa biblioteca.

Sobre a formação escolar das/os mediadoras/es, identificamos que 36,4% têm ensino superior completo; 5,7% é pós-graduado, e há quem esteja cursando o doutorado. 45% têm pelo menos o ensino médio ou técnico completo, ou ensino

superior incompleto. Em síntese, temos 87% das/os que atuam como mediadora/or de leitura nas bibliotecas comunitárias acima do ensino médio completo.

Mitos que os dados desvelam 4
– Quem atua em bibliotecas comunitárias são leigos, não têm formação escolar adequada, mal sabem ler –

Não! Os dados mostram que as pessoas que atuam nas bibliotecas comunitárias têm investido, e muito, na continuidade dos estudos. Bato muito nesta tecla porque esse é um preconceito com o qual tenho me deparado por toda a minha vida profissional. Não foi uma vez só que enfrentei esses mitos e que ainda enfrento... A pesquisa foi uma oportunidade de mostrar que as bibliotecas comunitárias são outra coisa que não é o que comumente as pessoas imaginam.

OS IMPACTOS DAS BIBLIOTECAS NA COMUNIDADE

> Eu não aceito, por exemplo, expressões como "é uma pena que haja tantos brasileiros e tantas brasileiras morrendo de fome, mas, afinal, a realidade é essa mesma." Não! Eu recuso como falsa, como ideológica essa afirmação! Nenhuma realidade é assim mesmo, toda realidade está aí submetida à possibilidade de nossa intervenção nela. (Paulo Freire)[20].

Os impactos das bibliotecas nas comunidades vão desde o orgulho, porque aquele espaço é uma referência positiva, para as/os moradoras/es, até a mudança da sua vida e que a função dele revela uma outra imagem da sua comunidade e do seu destino.

O acesso à literatura permite que as pessoas projetem uma outra realidade, percebam a partir da imaginação, a partir da alteridade que o mundo não é estático, que ele pode mudar, que as pessoas se fortalecem se empreenderem essa luta. Este é o impacto, a resistência cultural que esses equipamentos promovem na comunidade. É no diálogo gestora/or, é no diálogo com a escola, é no diálogo com as/os moradoras/es, é na mediação de conflito. São tantas as esferas em que as bibliotecas comunitárias interagem, que seria muito bacana que tivéssemos mais iniciativas destas de aproximação, e de trazer pessoas das comunidades para falar desses fazeres.

[20] Última entrevista de Paulo Freire, em 1997. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ul90heSRYfE. Acesso em: 20 set. 2022.

REFERÊNCIAS

ESCALANTE, Isadora Cristal; FERNANDEZ, Maria Aparecida Arias; RODRIGUES, Thaís dos Santos. A participação das bibliotecárias na Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) na Incidência Política: um relato de experiência. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 28., 2019, Vitória (ES). [**Anais**]. Eixo 5. O farol do Advocacy. Disponível em: http://repositorio.febab.org.br/items/show/3211. Acesso em: 20 set. 2022.

FERNANDEZ, Cida; MACHADO, Elisa; ROCHA, Ester. **Brasil que lê**: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores. Olinda: Centro de Cultura Luiz Freire: Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias, 2018. 170 p. Disponível em: http://cclf.org.br/project/o-brasil-que-ler-bibliotecas-comunitarias-e-resistencia-cultural-na-formacao-de-leitores/. Acesso em: 20 set. 2022.

MÃE, Valter Hugo. **Contos de cães e maus lobos**. Porto: Porto Editora, 2015. p. 149